



Aprendizagem colaborativa e experiência investigativa na descolonização dos circuitos artísticos na Amazônia¹

Dra. Leila Adriana BAPTAGLIN²

Dra. Lisiane Machado AGUIAR³

Dr. Vilso Junior Chierentin SANTI⁴

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

Resumo

O objetivo desse artigo é refletir sobre o papel da investigação como agente descolonizador que possibilita narrativas pluriversais e potencializa o desenvolvimento de propostas artísticas contra-hegemônicas. Problematizamos três experiências investigativas realizadas pelos integrantes do Observatório *Ama[z]oom* que são abordadas a descolonização dos circuitos artísticos minoritários: a) o projeto “The Giant Step” e os índios Makuxi da Amazônia; b) o “Grafita Roraima”; c) a campanha “somos todos hermanos” em prol dos refugiados venezuelanos. Com estas experiências analisamos as diversas linhas de forças micropolíticas, como os modos de subjetivação dominante podem (ou não) serem subvertidos. Nessas intervenções artísticas temos um elo conector que perpassa cada uma delas que é uma descolonização no circuito artístico e a difusão por meio das mídias digitais.

Palavras-chave: Experiência investigativa, circuito de arte, descolonização.

Introdução

Se tomarmos o pensamento metodológico num fluxo como o da experiência da vida veremos que esse apresenta uma ruptura com a representação clássica recongnitiva para fazer dele potência criadora. Isso significa suspender os sentidos já criados por modelos metodológicos colonialistas a serem aplicados, e possibilitar o desenvolvimento de diferentes experiências investigativas ao livrar-se de orientações de parâmetros

¹ Trabalho apresentado no GT 2: Expressões da folkcomunicação na cultura popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora e pesquisador da Universidade Federal de Roraima, Brasil.

³ Pós-doutora em Letras pela Universidade Federal de Roraima, Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora e pesquisador da Universidade Federal de Roraima, Brasil.

⁴ Doutor em Comunicação pela PUC/ Porto Alegre/RS. Professor e pesquisador da Universidade Federal de Roraima, Brasil.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

hegemônicos. Buscando ir além de uma *colonialidade do ser*, ou seja, o resultado da “experiência vivida da colonização e seu impacto na linguagem” (MALDONADO TORRES, 2007: 130), buscamos investigar *o papel da investigação como agente descolonizador*.

O investigador com um posicionamento epistemológico descolonizador (MALDONADO-TORRES, 2007; SOUSA SANTOS, 2007; MIGNOLO, 2010; SMITH, 2016) afasta-se de circuitos imagéticos universais, de verdades absolutas, de uma postura positivista e funcionalista para desenvolver sua pesquisa de forma processual que pretendem reconstruir os acontecimentos em vez de representá-los. Ou seja, não há a separação radical entre uma vida biológica, política, econômica, o que existe são imanências e a coexistência de cada um destes campos em relação aos outros.

Por meio desta perspectiva teórica apresentamos avanços empíricos ao contextualizar a experiência investigativa desenvolvida pelo Observatório Cultural da Amazônia e do Caribe - *Ama[Z]oom* da Universidade Federal de Roraima-UFRR. Este, em 2017 formou uma agência experimental de comunicação junto com alunos indígenas, acadêmicos de diferentes campos de atuação, artistas, ativistas, grafiteiros, migrantes para trabalhar com questões tradicionalmente marginalizadas e consideradas minoritárias pela sociedade.

Dessa forma, o objetivamos *refletir sobre o papel da investigação como agente descolonizador*. Nesse artigo, apresentamos três experiências investigativas realizadas de forma colaborativa pelo Observatório *Ama[Z]oom* em que são abordadas a descolonização dos circuitos artísticos:

a) acompanhamos a terceira edição da intervenção artística “The Giant Step” idealizada pelo artista Húngaro-Suíço Viliam Mauritz na comunidade indígena Raposa I, pertencente à terra indígena Raposa Serra do Sol/RR, durante os dias 6, 7 e 8 de outubro de 2017. A realização do “The Giant Step” na Amazônia foi uma proposta do idealizador ao conhecer o artista indígena Makuxi Jaider Esbell, que desenvolve um trabalho de arte-ativismo;

b) investigamos a quarta edição do Grafito Roraima, que foi realizada nos dias 6, 7 e 8 de dezembro de 2017. O evento foi realizado a partir de ações colaborativas com os coletivos urbanos do estado de Roraima, Movimento Urbanus e Coletivo Macu-x.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Contando com a participação de artistas roraimenses, manauaras e venezuelanos. O diferencial dessa edição foi a intervenção artística e o desenvolvimento de oficinas em três escolas estaduais proporcionando a troca de experiências entre artistas e alunos.

c) participamos da Campanha musical em prol dos refugiados venezuelanos onde auxiliamos na gravação do clipe da música “*somos todos hermanos*”, do cantor e compositor roraimense Neuber Uchôa, em prol dos refugiados venezuelanos. O evento aconteceu em dois momentos. Primeiro, em 19 de novembro de 2017 no espaço cultural “Casa do Neuber” e a renda (proveniente da contribuição do show) foi revertida ao Projeto Acolher, que atende os solicitantes de refúgio venezuelanos em Boa Vista. Segundo, em 18 de dezembro de 2017 (dia internacional do migrante), foram gravadas entrevistas e imagens da intervenção artística coordenada pelo grupo teatral Locômbia que, a partir de uma oficina de mímica com os migrantes, preparou apresentações aos motoristas e pedestres que passavam pelo semáforo da Avenida Venezuela em Boa Vista/RR.

Nessas diferentes experiências investigativas encontramos um elo conector que perpassa cada uma delas: uma descolonização no circuito artístico. Para dar conta dessa proposta, organizamos o artigo em três partes.

Na primeira parte, apresentamos nosso posicionamento epistemológico de como podemos nos descolonizar e sermos criadores do pensar metodológico tendo como objeto empírico as três intervenções artísticas ocorridas em Roraima: a) abordamos inicialmente os sentidos criados pela arte indígena da cultura *Makuxi* durante a intervenção “*The Giant Step*”; b) IV Grafita Roraima; c) campanha musical em prol dos refugiados venezuelanos. Na segunda parte, problematizamos como o uso do audiovisual nessas intervenções artísticas desterritorializam os circuitos da arte contemporânea com suas formas de expor em relação com as distintas esferas das mídias digitais. Em terceiro lugar, aproveitamos as considerações finais para propor que o circuito da arte necessita de modificações, pois o processo de mediação passa a requerer estratégias que interliguem o artista-obra ao expectador-consumidor para que o Circuito da Arte se estabeleça. Apresentando assim, a necessidade de rupturas dos padrões configurados nos entornos do trabalho com a Cultura e a Arte.



A experiência investigativa como agente de descolonizador

Nossa proposta de descolonizar o pensar metodológico partiu de um posicionamento teórico (MALDONADO-TORRES, 2007; SOUSA SANTOS, 2007; MIGNOLO, 2010; SMITH, 2016), que culmina em uma postura metodológica de experienciar o pensar metodológico como uma *problematização*. Inspirado no pensamento de Gilles Deleuze, em *Theatrum Philosophicum*, no qual Foucault instiga: “Qual é a resposta à pergunta? O problema. Como resolver o problema? Deslocando a pergunta. O problema escapa à lógica do terceiro excluído, pois ele é uma multiplicidade dispersa (...)” (FOUCAULT, 2005, p. 246). A problematização se torna, portanto, um processo de produção que não se resolve pela ideia cartesiana nem pela negatividade hegeliana, pois é afirmação múltipla. “É preciso pensar problematicamente, mais que perguntar e responder dialeticamente” (Ibidem, p. 246). É possível pensar numa certa forma de interrogação que conduz teorico metodologicamente: Como o objeto de estudo se constrói, se constitui, se agencia, se processa? Como e de que modo isso se torna possível? De que modo tudo isso (hoje) se apresenta como um problema? Como o saber estudado aparece e se transforma? De que modo as condições históricas permitiram que os mesmos surgissem, se desenvolvessem e se modificassem?

Trata-se, então, de modos de perguntar a cada formação histórica, criando um campo de possibilidades de onde emergem as problemáticas. Nesta linha, a escrita do texto busca uma estética como configuração da experiência, em que coletiviza o apreendido não por meio de dados que são recolhidos ou armazenados, mas emergem a partir do que faz o pesquisador interrogar. Esse jogo de forças conduz a pensar numa *problematização dos deslocamentos*⁵, em vez de encontrar nos precedentes uma origem como resposta.

Adotando essa postura quando refletimos sobre as três intervenções artísticas ocorridas em Roraima observamos que todas contaram com o auxílio do audiovisual e de uma articulação comunicacional para funcionar enquanto tal. Situação essa que perpassa, para além do produto, por outros elementos do Circuito da Cultura e, neste caso específico, do Circuito da Arte.

⁵ De um documento a outro e “de um mapa a outro, não se trata da busca de uma origem, mas de **uma avaliação dos deslocamentos**. Cada mapa é uma distribuição de impasses e aberturas, de limiares e clausuras” (DELEUZE, 1997, p. 129, grifo nosso).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Desse modo, buscamos *refletir sobre o papel da investigação como agente descolonizador*. Para isso, buscamos entender como as intervenções artísticas descolonizam o desenvolvimento/envolvimento artístico de comunidades minoritárias? Este processo pode ampliar a possibilidade de expansão de sua arte em diferentes espaços culturais por meio do audiovisual e de sua circulação em mídias digitais.

Como a resposta à pergunta é o problema e para resolvê-la temos que deslocar a pergunta vamos desenvolver a problematização das três intervenções artísticas ocorridas em Roraima.

A **intervenção “The Giant Step”** aconteceu na terra indígena do povo Makuxi⁶, nos dias 6, 7 e 8 de outubro de 2017. A ideia central da intervenção artística foi a de conectar pessoas a realidades pares diferentes, com o mínimo de impacto ambiental e o máximo de repercussão com o uso de ferramentas audiovisuais em mídias digitais. A proposta do artista é de encontrar em diversas partes do mundo, artistas produtores que também façam agenciamentos artísticos em seus locais de origem mobilizando estruturas e pessoas para a grande interação.

Com o formato de uma pegada gigante com proporções a partir de 100 x 45 metros, que remete à ideia de um caminhar itinerante e de um ser maior que sai conectando temas globais com desafios locais para evidenciar aspectos culturais dos nativos em agenciamento com suas artes.

A visualização da pegada só pode ser percebida com a produção de filmes que serão editados contendo de 3 e 10 minutos. Drones foram usados para captar as imagens aéreas durante o dia e a noite. As imagens diurnas, mostraram indígenas Makuxi dançando o Parixara - dança ritual ancestral em uma coreografia coletiva preparada especialmente para a ocasião. As cenas noturnas mostraram 39 fogueiras que foram acesas ao mesmo tempo para mostrar a pegada gigante e a relação espiritual e usual dos Makuxi com o fogo e a lenha. Foi usado lenha da árvore Mirixi, não por coincidência, mas pela relação desta com a comunidade.

⁶ Raposa I faz parte da terra indígena Raposa Serra do Sol é uma área situada no nordeste do estado brasileiro de Roraima fazendo fronteira com a Venezuela e a Guiana. É destinada à posse permanente dos grupos indígenas Ingaricós, Macuxis, Patamonas, Taurepangues e Uapixanas.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Imagem 01: Imagens diurnas mostraram indígenas Makuxi dançando o parixara



Fonte: Thiago Briglia (2017)

Imagem 02: Imagens noturnas mostraram 39 fogueiras para formar a pegada gigante



Fonte: Thiago Briglia (2017)

Entendemos que esse tipo de produção artística que conta com o auxílio do audiovisual necessita de uma articulação comunicacional para funcionar enquanto tal. Situação essa que perpassa, para além do produto, por outros elementos do Circuito da Cultura e, neste caso específico, do Circuito da Arte.

A **IV edição do Grafita Roraima** aconteceu nos dias 07, 08 e 09 de dezembro de 2017 e, apresentou-se como uma proposta de investigação e apropriação do trabalho que vem sendo desenvolvido com a Arte Urbana na região Amazônica. Envolveu artistas dos estados de Roraima, Amazonas e do país vizinho Venezuela.

Com uma proposta pedagógica de interlocução com escolas e com abrigos de acolhimento a migrantes, o IV Grafita Roraima aproximou-se da discussão da Arte em espaços Urbanos e da presença feminina na Arte. Deu abertura para discussões incipientes

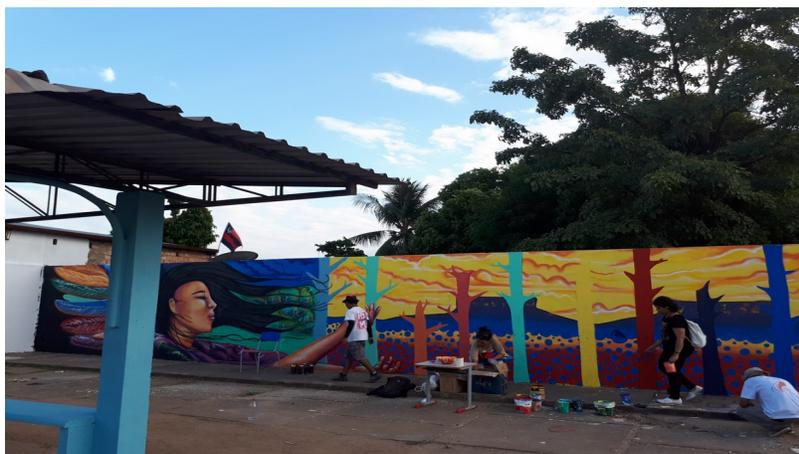


XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

no contexto Roraimense. Contexto este ainda pouco adepto as aproximações da Arte em espaços de visitação pública.

A investigação audiovisual realizada durante o evento trouxe elementos que possibilitam a compreensão da descolonização existente no processo de realização artística protagonizada pelos artistas roraimenses, manauaras e venezuelanos. Situa estes sujeitos em um processo de construção investigativa onde desenvolvem sua arte em contextos e conceitos que encontram-se à margem de pressupostos colonizadores.

Imagem 03: Pintura Mural Escola – Coletivo MuralEja/Venezuela



Fonte: Leila Baptaglin (2017)

Imagem 04: Pintura Mural na Escola- Coletivo Urbano Aborigine/Venezuela



Fonte: Leila Baptaglin (2017)

Na Campanha musical em prol dos refugiados venezuelanos onde auxiliamos na gravação do clipe da música “*somos todos hermanos*”, do cantor e compositor roraimense Neuber Uchôa, em prol dos refugiados venezuelanos. O evento aconteceu em dois



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

momentos. Primeiro, em 19 de novembro de 2017 no espaço cultural “Casa do Neuber” e a renda (proveniente da contribuição do show) foi revertida ao Projeto Acolher, que atende os solicitantes de refúgio venezuelanos em Boa Vista. Segundo, em 18 de dezembro de 2017 (dia internacional do migrante), foram gravadas entrevistas e imagens da intervenção artística coordenada pelo grupo teatral Locômbia que, a partir de uma oficina de mímica com os migrantes, preparou apresentações aos motoristas e pedestres que passavam pelo semáforo da Avenida Venezuela em Boa Vista/RR.

Imagens 05: Show na Casa do Neuber - Música “Somos todos Hermanos”.



Fonte: <https://www.facebook.com/casadoneuber/photos/pcb.120224958090141/1420224848090152/?type=3&>

Imagens 06: Grupo Teatral Locômbia



Fonte: <https://www.redeamazoom.org/iniciativas>



O Audiovisual nas intervenções artísticas

Como podemos inferir através destas três intervenções artísticas ocorridas em Roraima há sim um processo de desenvolvimento/envolvimento artístico de comunidades minoritárias possibilitando assim uma expansão da arte nos diferentes espaços culturais.

Dessa maneira, uma problemática gerada a partir dessa perspectiva busca operar processualmente não como algo que possa ser identificado com referências e indivíduos específicos, mas que conecta a todos. É um agenciamento que se processa na interlocução de sujeitos distintos interligados pelo fazer artístico.

Podemos considerar o audiovisual como conformador de um campo complexo, que alimenta e é alimentado por outros campos, engendrando inter-relações constantes de tensão e distensão sobre a técnica, os discursos e culturas em potencial. Nesse processo, é possível prever espaços para consensos, divergências, padronizações, sociabilidades e trocas simbólicas, mas também para usos, apropriações, configurações, convergências, experimentações e inovação sobre formatos, suportes e tecnologias.

Como, então as intervenções artísticas descolonializam o desenvolvimento/envolvimento artístico de comunidades minoritárias?

Isso ocorre, pois as artes passam a vincular-se ao público de forma diferenciada exigindo dos processos de mediação o conhecimento e a interação com o sujeito consumidor.

Estes passos nos mostram que o artista e o espectador necessitam de outras formas de interação para a apreciação e o consumo da Arte. Isso pode ser evidenciado principalmente pela existência de outros locais e de outros atores existentes no circuito da Arte⁷ não restringindo-se ao espaço do Museu e aos atores antes envolvidos, mas sim, adentrando em espaços não formais e nos meios digitais (caso específicos das experiências artísticas aqui investigadas). A existência deste cenário proporciona a necessidade da mediação condizente e, é nesta perspectiva que a avaliação do processo apresenta-se como fundamental para que o circuito seja completo e atenda as necessidades do artista e do espectador.

⁷Segundo Baptaglin; Santi (2018), o circuito da Arte é composto pelos “elementos da Produção/Poética; Texto e Leitura/Comunicação; Culturas Vivas/Consumo e Mecenato/Financiamento”.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Este processo de mediação é necessário, mas requer do profissional mediador conhecimentos que lhe possibilite dialogar com cada sujeito e suas peculiaridades sendo este um trabalho bastante complexo. Um trabalho de conhecimento e valorização sociocultural do sujeito e dos seus espaços de formação.

Neste sentido, a mediação e a elaboração da obra passam a ser vistos com um olhar voltado para a compreensão da arte como um todo e não apenas na interpretação da obra a partir de questionamentos incipientes.

A liberdade de interpretação e a não “prisão” às regras faz com que a imaginação e a interpretação possibilitem a criatividade e ampliação de horizontes visuais. E, a ampliação de espaços de apreciação da arte vem proporcionando este desenvolvimento cultural ampliando possibilidades de construção de conhecimentos para o sujeito. Com isso, o processo de mediação em diferentes espaços culturais vem passando por modificações adequando-se as transformações e informatizações sociais a fim de atender as demandas que vem surgindo.

Trabalhar com as especificidades de uma intervenção artística requer do mediador preparação e compreensão do contexto artístico contemporâneo. Assim, além dos museus, nos espaços informais de mídias digitais e nas outras situações de exposição da obra de Arte no contexto contemporâneo temos diferentes concepções de cultura que desencadeiam diferentes tipos de mediação as quais, longe de serem homogêneas, aparecem muito dependentes de seu contexto.

As intervenções artísticas que fazem sua difusão por meio das mídias digitais apresentam-se como uma das linguagens contemporâneas que extrapolam o lugar da arte até então consolidado: o museu e as galerias. Lugares esses que, na região amazônica e, em especial no Estado de Roraima, ainda não podem ser considerados consolidados visto que, em Roraima o único museu existente está fechado e, os lugares de exposição de obras de Arte ainda são bastante restritos limitando-se a algumas galerias de instituições privadas e/ou galerias particulares de artistas locais.

Assim, as intervenções artísticas que utilizam o espaço digital em associação com o audiovisual constituem-se em uma linguagem artística que passa a ganhar corpo a partir do momento em que levam a arte para os espaços públicos dando a possibilidade de apreciação pelos diferentes sujeitos. Agora, com isso, outro olhar para o processo comunicacional a ser



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

construído, haja vista a ideologia proposta nas intervenções artísticas, como no caso das (3) três investigações realizadas pelo Ama[Z]oom.

Estas produções artísticas contemporâneas por seu caráter informal e de abertura as minorias passam a integrar o espaço digital de fácil acesso a partir do momento em que há o acompanhamento do audiovisual, envolvendo a subjetividade do expectador e intervindo em seu lugar-comum de forma artística. Assim, as intervenções artísticas urbanas, em um campo de produção artística contemporânea, proporcionam lembrar o que Cauquelin (2005) nos mostra ao referir-se ao processo comunicacional. Passamos a vivenciar uma inevitável mistura de papéis: produtor/artista, distribuidor/comunicador e consumidor/expectador. Estes sujeitos, antes com características e funções delimitadas, não mais possuem atividades específicas e, este é um dos grandes desafios a serem consolidados para uma melhor compreensão da produção artística indígena no estado roraimense.

A lógica de consumo (ainda não implementada, mas com algumas sinalizações dentro das poucas consolidações de um circuito de arte em Roraima) passa a sofrer alterações e incrustações devido aos incrementos tecnológicos e as novas demandas alicerçadas pela criação de outras linguagens artísticas que extrapolam o espaço de exposição consagrados (GONÇALVES, 2017).

Assim, a necessidade de outros profissionais, que ainda não fazem parte de um cenário competitivo e qualificado em Roraima, é agregada a este circuito – e/ou o artista passa a ter que se apropriar destes outros segmentos no intuito de dar a conhecer sua produção.

Estas mudanças estabelecem um câmbio irreversível na relação da arte e do expectador com a investigação. Apresenta assim um processo de descolonização, de desestabilização de poderes arraigados a tradições antes ditas como únicas. Estas intervenções artísticas apresentam assim, um olhar mais aguçado para os tempos e espaços de apropriação no circuito da arte, apropriando-se de distintas formas de comunicação audiovisual que passam a ser expressas nas redes sociais.



Considerações para uma proposta: modificações no Circuito da Arte

Na interlocução do Campo da Arte com a Comunicação e a Cultura, podemos considerar que a intervenção artística se apresenta como manifestação que descoloniza o processo de investigação e que passa a proporcionar situações em que há a rápida comunicação da obra para com o expectador e, é neste viés que os novos atores do circuito da arte passam a interagir.

O circuito da cultura em que diferentes atores passam a fazer parte de um sistema operador/operativo da Cultura fornece elementos importantes para trilharmos uma possível cartografia do Circuito da Arte.

No *texto/leitura*, adentrando ao campo comunicacional da produção artística, o artista apropria-se de suas habilidades técnicas de produção para abstrair e expressar para o expectador utilizando-se de diferentes elementos. Contudo, neste momento a apropriação dos conhecimentos artísticos e do espaço urbano estabelecem uma vinculação direta com o processo de mediação a partir do momento em que a recepção da obra adquire um status de produção de sentido pelo expectador.

Esta leitura autônoma evidencia um risco eminente de apropriação equivocada da mensagem estabelecida pelo artista. Segundo Escoteguy (2007, p. 121) “o risco é assumir a autonomia da leitura em oposição a autoridade do texto, suprimindo ainda a produção do que está sendo consumido”.

Na intervenção artística com a cultura indígena, com os migrantes e com os artistas urbanos, percebemos que a autoridade do texto é deixada de lado assim como a compreensão advinda de um processo de mediação que auxilie o leitor/expectador a compreensão da obra. Passamos assim a verificar duas condicionalidades de leitor/apreciador o que busca compreender “o que a obra diz de mim” e/ou “o que a obra quer dizer”. Ambas as perspectivas são plausíveis, mas requerem uma percepção aguçada do expectador, haja vista que no espaço digital a presença do mediador é dispensada/inexistente.

Conforme Escoteguy (2007, p. 121), o processo de texto/leitura requer assim, “[...] uma conexão com as práticas de grupos sociais e os textos que estão em circulação,



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

realizando uma análise sócio-histórica de elementos culturais que estejam ativos em meios sociais particulares”

A compreensão das *Culturas Vividas* do artista e do expectador são fundamentais para que haja conexão e consumo da obra. Consumo aqui é vinculado ao processo de apropriação simbólica do conceito pelo expectador e não necessariamente o consumo em termos materiais da obra. Artista e expectador necessitam estabelecer uma relação que apresente interesses comuns, que os interligue suplantando assim a simples vinculação e o consumo da obra do artista pelo expectador. Isso ocorre, mesmo aquele sendo um sujeito com relações sociais, culturais e históricas distintas das expressas pelo artista.

O artista necessita do conhecimento do lugar a ser exposto e do público a ser atingido a fim de que sua construção ideológica seja consumida pelo expectador.

O consumo deixa de ser a troca/compra de bens materiais e passa a ser espaço de diálogo entre sujeitos e entre obra e expectador adentrando ao processo de apropriação de culturas e simbologias.

Além destes elementos do circuito cultural, o processo de *financiamento* da produção artística também passa por modificações. Há algumas décadas o financiamento de obras e em especial, o financiamento cultural era quase que exclusivo do Estado ou de alguns mecenas. Hoje, a iniciativa privada começa a ganhar espaço e a vincular-se a prerrogativa de arte como negócio, situação que incita a preocupação sobre as produções artísticas haja vista que os patrocínios/financiamentos contemporâneos podem acabar por atender mais aos interesses da iniciativa cultural privada do que ao artista.

Mesmo diante de modificações na estrutura do Circuito da Arte, realizadas devido as necessidades de contexto, ainda dispomos de uma estrutura que se apresenta vinculada a alguns padrões de consumo repassados à sociedade a partir da Revolução Industrial, do advento do Capitalismo e da Cultura de Massa. Situação esta presente, haja vista que a arte representa a sociedade e apresenta o que nela há de mais sincero e incrustado. É neste processo de representação que assentamos nossas proposições.

Trabalhar com uma construção artística contemporânea requer, portanto, uma aproximação conceitual bastante estruturada em valores e normas construídos socialmente. Verificamos que a cultura indígena é um elemento significativo na construção dos saberes



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

amazônicos, contudo, estes ainda carecem de uma apropriação adequada para serem transpostos ao nível de produção artística e da consolidação de um Circuito da Arte.

Referências

BAPTAGLIN, L. A.; SANTI, V. J. C.. O papel da mediação no circuito da Arte. In: **Media effects: ensaios sobre teorias da Comunicação e do Jornalismo**, Vol. 2. Gilson Pôrto Jr.; Nelson Russo de Moraes; Daniela Barbosa de Oliveira; Leila Adriana Baptaglin (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi/Boa Vista: Editora da UFRR, 2018.

CAUQUELIN, A. **Arte Contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins. 2005.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

ESCOTEGUY, A. C. Circuito da cultura/circuito de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e recepção. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo. Vol. 4. Nov. 2007.

FOUCALT, M. **Arqueologia do Saber**. 7 ed. Tradução Luiz F.B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

GONÇALVES, T. R. Culturas e identidades em Roraima: um olhar para as representações pictóricas de artistas do curso de artes visuais/UFRR. **Dissertação de mestrado em Letras**. Roraima. UFRR. 2017

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidade del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto, en CASTRO-GÓMEZ S., GROSGOQUEL R. (eds). **O giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá, Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores, 2007.

MIGNOLO, W. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Edições del Signo, 2010.

SOUSA SANTOS, B. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

SMITH, L. T. **A descolonizar las metodologías**. Investigación y pueblos indígenas. Chile: Lom Ediciones, 2016.